

letras escarlates
série os outros / volume 1
anne bishop

Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Blair

Agradecimentos

Agradeço a Blair Boone por continuar a ser o meu primeiro leitor e por toda a informação sobre animais e outros temas que absorvi e transformei para que se adequasse ao mundo dos Outros, a Debra Dixon por ser a segunda leitora, a Doranna Durgin por manter o *website* e pela informação acerca de língua de vaca, a Adrienne Roerich por manter a página oficial no Facebook, a Julie Green por me dar a conhecer Bully Sticks, a Jennifer Crow pelo seu encorajamento quando lhe falei da coluna Others Etiquette, a Nadine Fallacaro pelas informações sobre temas clínicos, a Douglas Burke por responder a perguntas sobre a polícia (e por não perguntar o que iria eu fazer com a informação) e a Pat Feidner pelo apoio e encorajamento. Obrigada a Kristen Britain, Starr Corcoran, Julie Czerneda, Claire Eamer, Lorne Kates e Paula Lieberman pelas dicas acerca das lojas para a Praça do Mercado e bairro circundante.

Quero deixar um agradecimento especial às pessoas que emprestaram o nome a personagens, sabendo que o nome seria a única ligação entre a realidade e a ficção: Elizabeth Bennefeld, Blair Boone, Douglas Burke, Starr Corcoran, Jennifer Crow, Lorna MacDonald Czarnota, Julie Czerneda, Roger Czerneda, Merri Lee Debany, Michael Debany, Chris Fallacaro, Dan Fallacaro, Mike Fallacaro, Nadine Fallacaro, Mantovani «Monty» Gay, Julie Green, Lois Gresh, Ann Hergott, Danielle Hilborn, Heather Houghton, Lorne Kates, Allison King e John Wulf.

Geografia

NAMID — O Mundo

Continentes/Massas Terrestres (até agora)

Afrikah
Cel-Romano/Aliança de Nações Cel-Romano
Felidae
Ilhas Dedosso
Ilhas da Tormenta
Tháisia
Tokhar-Chin
Britânia/Britânia Selvagem

Grandes Lagos — Superior, Tala, Honon, Etu e Tahki

Outros lagos — Lagos da Pena/Lagos do Dedo

Rio — Talulah/Talulah Falls

Cidades ou aldeias — Hubb NE (ou Hubbney), Jerzy, Lakeside, Podunk, Sparkletown, Talulah Falls, Toland

Dias da Semana

Dia da Terra

Dia da Lua

Dia do Sol

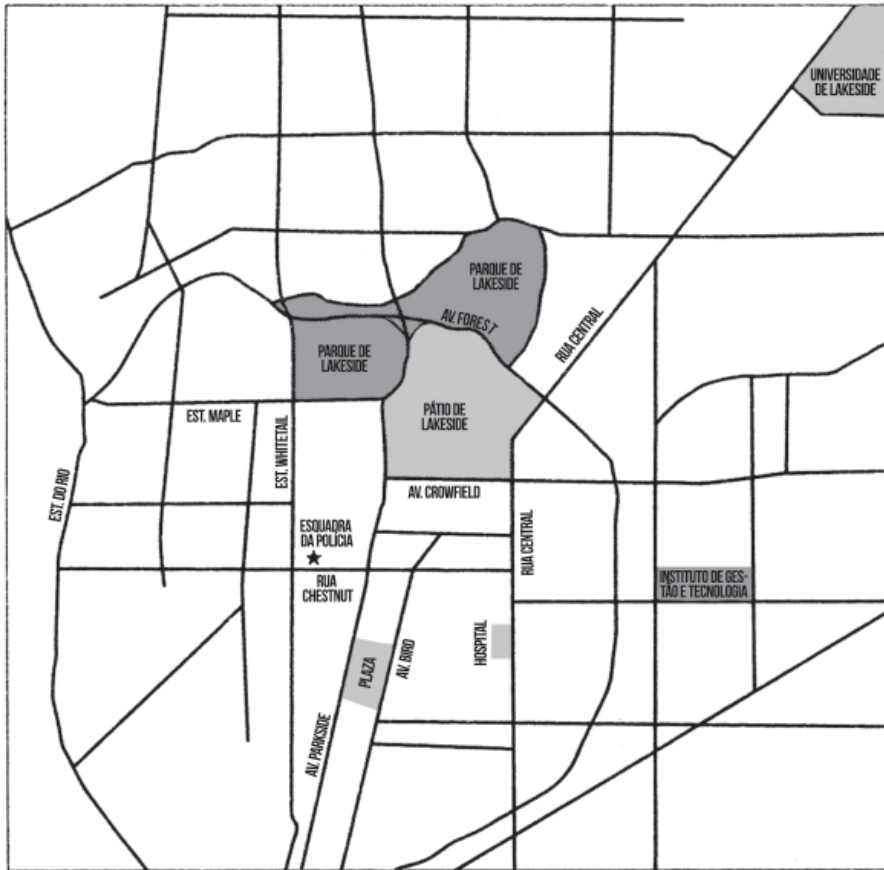
Dia do Vento

Dia de Tháís

Dia do Fogo

Dia da Água

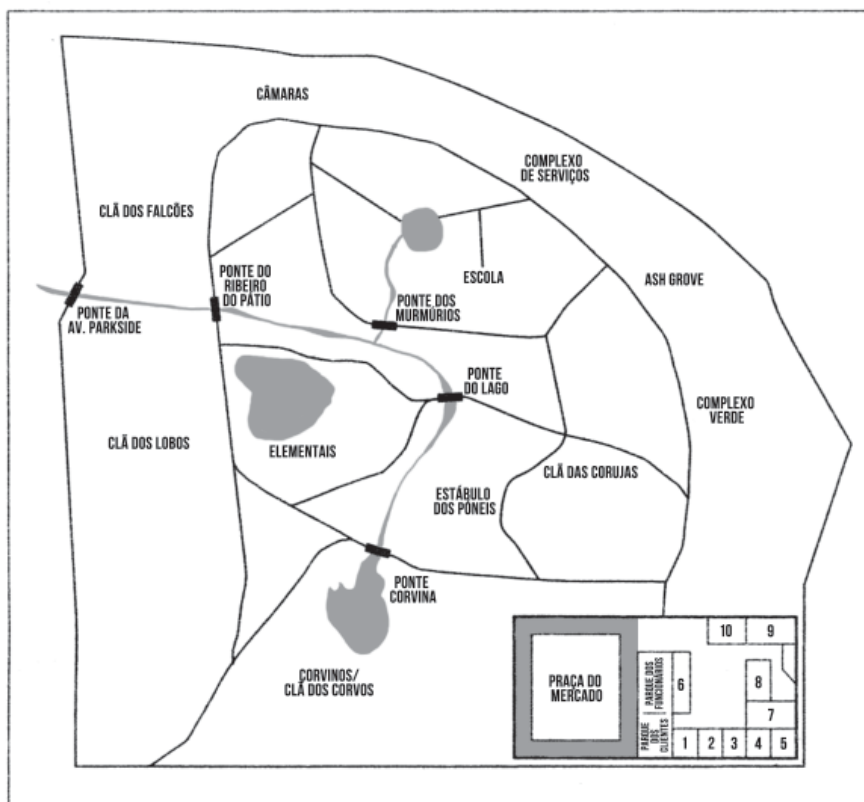
Lakeside



© 2012 Anne Bishop

Este mapa foi criado por uma autora com deficiência geográfica que apenas incluiu aquilo de que precisou para a narrativa.

Pátio de Lakeside



© 2012 Anne Bishop

1. Costureira/Alfaiate & apartamentos de serviço
2. Trincadela
3. Ler e Uivar por Mais
4. Corre & Bate
5. Centro de Convívio
6. Garagens
7. Nativo da Terra & Estúdio de Henry
8. Estação do Intermediário
9. Consulado
10. Três P

Uma Breve História Do Mundo

Há muito tempo, de Namid nasceram todas as formas de vida, incluindo os seres conhecidos como humanos. Namid ofereceu aos humanos pedaços férteis de si própria, e deu-lhes também boa água. Uma vez que tão bem conhecia a natureza dos humanos e a natureza dos seus outros descendentes, Namid concedeu-lhes ainda isolamento quanto bastasse para que tivessem possibilidade de sobreviver e de medrar. E assim foi.

Aprenderam a fazer lume e abrigos. Aprenderam a cuidar da terra e a construir cidades. Fizeram barcos e pescaram no Mediterrâneo e no Mar Negro. Multiplicaram-se e espalharam-se pelos seus pedaços do mundo até entrarem nos lugares selvagens. Foi então que descobriram que os outros descendentes de Namid já haviam reclamado o resto do mundo.

Os Outros olharam para os seres humanos e não viram conquistadores. Viram, isso sim, carne nova.

Travaram-se guerras pela posse dos lugares selvagens. Por vezes, os humanos venciam e chegavam um tudo-nada mais longe. Todavia, o mais habitual era que áreas de civilização desaparecessem, ficando os sobreviventes receosos a tentar não tremer ao escutar os uivos na noite, ou quando alguém que se afastasse da segurança das portas robustas e da luz era encontrado exangue, na manhã seguinte.

Passaram-se séculos e os seres humanos construíram navios maiores que os levaram pelo Oceano Atlântico. Ao encontrarem terra virgem, erigiram uma colónia junto à costa. Descobriram então que essa terra havia igualmente sido reclamada pelos *terra indigene*, os nativos da terra. Os Outros.

Os *terra indigene* que governavam o continente chamado Thaísia ficaram zangados quando os seres humanos derrubaram árvores e usaram arados para cultivar uma terra que não lhes pertencia. Por isso, os Ou-

tros comeram os colonos e conheceram a forma dessa carne específica, tal como já haviam feito tantas vezes no passado.

A segunda onda de colonos e de exploradores encontrou a colónia abandonada e, mais uma vez, os humanos tentaram tomar posse da terra.

Os Outros também os comeram.

A terceira onda de colonos tinha um líder mais inteligente do que os antecessores, que ofereceu aos Outros mantas quentes, tecido para roupas e objetos brilhantes. Em troca pôde viver na colónia e dispor de terra suficiente que plantar. Os Outros consideraram a troca justa e afastaram-se dos limites das terras que os humanos podiam usar. Novos presentes foram trocados por privilégios de caça e de pesca. Era um estado de coisas que satisfazia ambos os lados, mesmo arreganhando uma das partes os dentes por tal tolerância e a outra engolindo o medo e certificando-se de que os seus se encontravam de volta à povoação antes do cair da noite.

Com o passar dos anos assistiu-se à chegada de cada vez mais colonos. Bastantes morreram, mas foram muitos os que prosperaram. Os colonatos cresceram e tornaram-se aldeias, que chegaram a vilas e acabaram por se transformar em cidades. Pouco a pouco, os humanos percorreram Thaísia, espalhando-se tanto quanto possível pelas terras cujo uso lhes fora permitido.

Passaram-se séculos. Os seres humanos eram inteligentes. Os Outros também. Os humanos inventaram a eletricidade e a canalização. Os Outros controlavam os rios que acionavam os geradores e os lagos que garantiam água potável. Os humanos inventaram os motores a vapor e o aquecimento central. Os Outros controlavam o combustível indispensável para fazer funcionar os motores e aquecer os edifícios. Os humanos inventaram e fabricaram produtos. Os Outros controlavam todos os recursos naturais decidindo, assim, o que seria ou não feito na sua parte do mundo.

É óbvio que se verificaram choques, e alguns sítios tornaram-se memoriais sombrios dos mortos. Esses locais acabaram por deixar bem claro aos líderes humanos que eram os *terra indigene* que governavam Thaísia, e só o fim do mundo poderia alterar tal estado de coisas.

Chegamos ao nosso tempo. Erguem-se pequenas aldeias humanas em vastas extensões que pertencem aos Outros. Nas cidades humanas de

maior dimensão existem parques vedados chamados Pátios, habitados pelos Outros cujo dever é vigiar os habitantes da cidade e garantir que os humanos cumprem os acordos firmados com os *terra indigene*.

Ainda se verifica uma tolerância atenta de um lado e um profundo receio pelos que vivem na noite no outro, mas se tiverem cuidado, os seres humanos sobrevivem.

Quase sempre sobrevivem.

Capítulo 1

Meio cega com a borrasca, ela cambaleou até ao espaço aberto entre dois edifícios. Contava esconder-se do que a caçava, bem como encontrar abrigo da neve e do vento, e por isso seguiu uma parede até dobrar a esquina. Tinha as meias e as sapatilhas ensopadas, e os pés gelados a ponto de não os sentir. Sabia que isso não era bom, que não era seguro, mas pegara na roupa que tinha à mão mal tivera oportunidade de fugir.

Não havia sons de passos que confirmassem estar a ser seguida, mas isso não queria dizer nada. A parede abafava até os sons do trânsito lento.

Precisava de encontrar abrigo. Estava demasiado frio para aventuras no exterior. Vira, como parte do seu treino, imagens de pessoas que haviam morrido de frio, pelo que tinha noção de que não poderia ficar muito mais tempo ali fora. Claro que os caçadores iriam começar a procurá-la nos abrigos da cidade que serviam os sem-abrigo.

Iria morrer naquela noite? Seria aquela a tempestade que marcaria o início do fim? Não. Nem sequer teria essa possibilidade em conta. Não passara por tudo aquilo, nem havia chegado tão longe para que tudo acabasse antes sequer de começar. Além disso, ainda não vira outras partes da profecia. Ainda não vira o homem moreno de pulôver verde. Não era preciso rezear a morte antes de *o ver*.

Isso não queria dizer que podia dar-se ao luxo de ser tola.

O prédio ao fundo do espaço aberto chamou-lhe a atenção, acima de tudo por ser a única luz visível. Espreitou à esquina para garantir que continuava sozinha e acercou-se da entrada. Talvez fosse capaz de engendrar uma desculpa para lá entrar por uns minutos — o suficiente para descongelar os pés.

Contudo, a luz, tão brilhante e fonte de esperança momentos antes, não passava de uma luz de presença. Estava fechado. Não obstante, o brilho chegava para que visse o sinal por cima da porta de vidro — uma

placa que a gelaria mais do que o vento e a neve, não fosse pelo desespero.

PÁTIO DE LAKESIDE
A.L.H.N.S.A.

A Lei Humana Não Se Aplica. Encontrava-se em terreno pertença dos Outros. Poderia estar momentaneamente a salvo de predadores humanos, mas se ali fosse apanhada, ficaria à mercê de seres que apenas pareciam humanos, e mesmo quem vivera confinada sabia o que acontecia aos humanos que fossem imprudentes nos encontros com os *terra indigene*.

Um segundo aviso estava colado ao interior da porta. Mesmo de pés dormentes em temperaturas abaixo de zero, ficou a olhar para as palavras por uns momentos.

PRECISA-SE:
INTERMEDIÁRIO HUMANO
CANDIDATURAS NA LER E UIVAR POR MAIS
(À ESQUINA)

Um trabalho. Algo com que ganhar dinheiro para ter o que comer e onde dormir. Um lugar para se esconder por algum tempo. Um sítio de onde os caçadores não a poderiam levar, mesmo que fosse encontrada, pois a lei humana não se aplicava.

Ler e Uivar por Mais. Parecia o nome de uma loja dos Outros.

Podia dar-se o caso de vir a morrer ali. Afinal de contas, era o que acontecia à maior parte das pessoas que se metia com os Outros. Claro que, tendo em conta o que vira na profecia, ia morrer, fosse como fosse; pelo menos, o que lhe viesse a acontecer seria responsabilidade sua.

Decisão tomada, regressou ao passeio e dirigiu-se à esquina. Quando virou à direita, para a Avenida Crowfield, viu duas pessoas a sair de uma loja. Luz e vida. Encaminhou-se para ambas.

Simon Wolfgard assumiu o seu lugar ao balcão, olhou para o relógio na parede e disse

<Agora.>

O uivo vindo das traseiras da livraria provocou os esperados gritinhos femininos e outros resmungos de surpresa, mais viris.

— Dez minutos para fechar — declarou, levantando a voz para que os humanos ali presentes o ouvissem.

Não que eles não o soubessem. O uivo era o alerta dos dez minutos — tal como o Lobo que assumira posição junto à porta era o sistema de segurança da livraria. Qualquer potencial ladrão com a mão a ser-lhe arrancada à dentada promoveria o sentido de honestidade dos restantes humanos que visitassem a Ler e Uivar por Mais. Ter de andar por cima do sangue — e passar rente ao Lobo que continuava a mastigar uns dedos — era marcante — além de suscitar alguns pesadelos.

Isso não impedia que os macacos regressassem no dia seguinte para apreciar as manchas de sangue e trocar palavras murmuradas enquanto passavam em revista o conteúdo da loja. O entusiasmo de contornar uma estante e dar de caras com um dos Outros na sua forma animal — e o entusiasmo ainda mais emocionante de por vezes testemunhar atos de violência célere e terrível — tendia a aumentar a venda de romances de horror e thrillers, o que ajudava a livraria a manter receitas aceitáveis.

Não que algum estabelecimento do Pátio precisasse de lucro para se manter em funcionamento. As lojas eram geridas para conveniência dos *terra indigene* que viviam no Pátio e garantiam que os restantes Outros recebia os bens humanos que queriam. Era, acima de tudo, o desejo de compreender a forma de gestão de um negócio — e de testar a honestidade das empresas humanas com que lidava — que incentivava Simon a manter a loja lucrativa todos os meses.

Claro que a Ler e Uivar por Mais não seguia os hábitos humanos no que dizia respeito aos horários de funcionamento. A LUM fechava às nove da noite em ponto nos serões em que abria as portas aos humanos, e alguns dos funcionários não tinham pejo em mudar de forma e morder os clientes retardatários que partiam do princípio de que o horário afixado da loja era apenas uma sugestão.

Fez algumas vendas, mais do que esperaria numa noite em que quem tivesse juízo estaria em casa para fugir às temperaturas geladas e à neve batida a vento que magoava tanto como a dentada de um Lobo. Claro que alguns dos macacos viviam nas redondezas e usavam a livraria e o café adjacente, o Trincadela, como ponto de encontro quando não queriam passar o serão a beber nas tavernas da rua central.

Humanos, admoestou-se Simon. Endireitou os óculos redondos de que não precisava para ver, mas que lhe davam um aspeto tímido e mais afável. *Quando estiverem na loja, chamas-lhes humanos. Assim, é menos provável que uses o calão quando te diriges a um empregado. Já é difícil encontrar trabalhadores que toleremos. Não faz sentido afugentarmos os que temos com insultos.*

O termo viera de Afrikah, do outro lado do oceano, onde o Clã dos Leões se referia aos seres humanos como sendo macacos pelados balbuciantes. Depois de os *terra indigene* de Tháisia terem visto imagens de macacos, haviam adotado o termo por se adequar a boa parte dos humanos com que se deparavam. No entanto, ele fazia parte da Associação Comercial que geria as lojas integradas e as dos Pátios, além de ser o líder do Pátio de Lakeside, pelo que tentava não ser insultuoso — pelo menos em voz alta.

— Simon.

Virou-se para a voz que soava a xarope viscoso no momento em que a mulher vestia a parka com capuz. O movimento ergueu-lhe a camisola curta, revelando alguns dedos de barriga lisa que parecia apetitosa.

Eram muitas as humanas que passavam o tempo a cheirar a loja, desejosas de serem convidadas a dar uma volta pelo lado mais selvagem da vida, mas aquela deixava-o com vontade de lhe enfiar as presas no pescoço, em vez de lhe dar umas mordiscadelas na barriga.

— Asia. — Simon meneou a cabeça, um gesto a um tempo de cumprimento e de rejeição.

Ela não percebeu a deixa. Nunca percebia. Desde o primeiro dia na Ler e Uivar por Mais que Asia Crane se embeixara por ele. Era parte do motivo por que Simon não gostava da jovem. Quanto mais ela se esforçava por se aproximar, mais ele se sentia um desafio a ser ultrapassado e menos a queria por perto. Claro que Asia nunca forçara a ponto de ele ter justificação para a atacar pelo simples facto de a humana estar presente na livraria.

Algumas pessoas vestiam sobretudos e cachecóis, mas não estava ninguém junto à caixa registadora.

— Vá lá, Simon — gemeu Asia, oferecendo-lhe um sorriso que dizia *Morde-me que eu gosto*. — Já passou mais de uma semana e *prometeste* que ias pensar no assunto.

— Eu não prometi nada — contrapôs Simon enquanto arrumava o balcão junto à caixa.

Asia tinha cabelo louro e olhos castanhos, e alguns dos humanos que trabalhavam no Pátio haviam dito a Simon que ela era linda, mas havia coisas na jovem que o incomodavam. Não era capaz de identificar nada em particular, além do facto de ela o perseguir mesmo sendo bem claro que Simon não estava interessado, mas a sensação fora o motivo para se ter recusado a dar-lhe trabalho na LUM quando ela lá fora pela primeira vez. Era também a razão pela qual não a deixava alugar um dos apartamentos que por vezes o Pátio disponibilizava aos funcionários humanos. Agora queria ser a Intermediária Humana, um cargo que lhe daria acesso ao Pátio em si. Mais depressa Simon a comeria. E Vladimir Sanguinati, o outro gerente da livraria, já por mais de uma vez se oferecera para ajudar, caso Simon alguma vez olhasse para Asia e sentisse a barriga a dar horas.

Tratava-se de um bom compromisso, já que Vlad preferia o sangue, ao passo que Simon gostava de arrancar nacos de carne fresca.

— Estamos fechados, Asia. Vai para casa — indicou Simon.

Asia deixou escapar um suspiro dramático.

— Gostava tanto de ficar com esse emprego, Simon. Aquele que eu tenho mal dá para pagar a renda e é uma *seca*.

Agora, Simon nem sequer tentou parecer simpático.

— Estamos fechados.

Mais um suspiro, seguido por um beicinho contrariado enquanto Asia fechava a parka, calçava as luvas e finalmente saiu.

John, outro elemento do Clã dos Lobos, deixou o posto junto à porta para confirmar a presença de retardatários. Simon estava assim sozinho na zona frontal da loja quando a porta voltou a abrir-se, deixando entrar uma rajada de ar frio que lhe pareceu refrescante depois de todos os cheiros usados pelos humanos.

— Estamos... — Olhou na direção da porta e engoliu o *fechados*.

A mulher parecia quase congelada. Usava sapatilhas — *sapatilhas*, imagine-se — e tinha as calças de ganga ensopadas até aos joelhos. O blusão de ganga compunha um abafado leve, adequado a uma noite de verão, e por baixo trazia uma t-shirt.

Tinha um aspeto de sofrimento tão profundo que Simon não passou pelo habitual debate automático em que considerava se ela seria comestível.

— Posso ajudá-la? — indagou.

A jovem fitou-o como se já o tivesse visto e o acontecimento de então a tivesse deixado receosa. O problema era não a reconhecer, nem à vista, nem pelo cheiro.

A rapariga deu então alguns passos a caminho do balcão. Simon imaginava que ela pretendesse entrar mais na loja, onde estava mais quente, e não aproximar-se dele.

— V-vi o aviso — gaguejou ela. — S-sobre o emprego.

Não é gaga, decidiu Simon. Os dentes estavam a começar a bater. Desde quando estaria ela lá fora com aquele tempo? Era uma tempestade normal, vinda do lago, a primeira do novo ano. Claro que o facto de ser normal não impedia que fosse agreste.

— Qual aviso?

— Int... termediário Humano — conseguiu ela dizer através de dentes cerrados. — O aviso dizia para vir aqui.

Passaram-se vários segundos e a mulher baixou os olhos. Provavelmente não teria coragem de lhe enfrentar o olhar, agora que dissera o que pretendia.

Havia qualquer coisa naquela figura que o incomodava, mas não era parecido com o que sentia junto de Asia Crane. Não queria expulsá-la de volta à neve até perceber de que se tratava. Além disso, exceção feita a Asia, aquela era a primeira humana que perguntava pelo emprego, motivo mais do que suficiente para lhe conceder alguns minutos do seu tempo.

Apercebeu-se de movimento pelo canto do olho. John, agora na sua forma humana e vestindo uma camisola e calças de ganga, meneou a cabeça, como se perguntasse, *E agora?*

Simon, por sua vez, inclinou ao de leve a cabeça e olhou para a caixa registadora.

— Queres que trate das coisas? — indagou John, oferecendo um sorriso ao aproximar-se da mulher que tremia.

— Sim. — Simon mirou a rapariga. — Vamos aqui ao lado tomar um café enquanto falamos do emprego.

A mulher virou-se para a porta da rua e hesitou.

— Não, por aqui. — Simon contornou o balcão e apontou para uma abertura na parede.

A arcada entre os dois espaços tinha uma porta de treliça que podia

ser trancada quando uma das lojas estava fechada e a outra ainda servia os clientes. Na parede ao lado da porta via-se um cartaz que dizia, PAGUE OS LIVROS ANTES DE ENTRAR NO TRINCADELA OU A DENTADA É POR NOSSA CONTA.

O sinal do outro lado da porta dizia, CLARO QUE PODE LEVAR ESSA CANECA. NÓS FICAMOS COM A SUA MÃO EM TROCA.

Simon imaginava que o cérebro da mulher ainda não estivesse suficientemente descongelado para apreender as palavras. Depois daquele primeiro sobressalto ao vê-lo, duvidava que tivesse apreendido fosse o que fosse.

Quando Simon entrou, Tess estava a limpar o expositor de vidro. Ao reparar na companheira, o sorriso afável que começou a oferecer-lhe tornou-se mais reservado.

— Podemos tomar um café? — perguntou Simon ao sentar-se à mesa mais perto do balcão — e mais afastada da porta e do invólucro de frio que parecia envolver as mesas mais próximas da montra.

— Ainda há algum na cafeteira — respondeu Tess, dedicando agora à mulher um olhar mais atento.

Simon recostou-se na cadeira e apoiou um tornozelo sobre o outro joelho.

— Sou Simon Wolfgard. Como te chamas?

— Meg Corbyn.

Simon percebeu a breve hesitação que lhe confirmou que não era um nome ao qual ela estivesse habituada. O que significava que era um nome recente. Não gostava de mentirosos. Os humanos que contavam pequenas mentiras costumavam mentir sobre muitas outras coisas.

Além disso, bem feitas as contas, um nome não era algo assim tão insignificante.

No entanto, quando Tess levou os cafés até à mesa e Simon viu a forma como Meg apertou a caneca para aquecer as mãos, ele ignorou a sensação.

Agradeceu a Tess e voltou a dirigir a atenção a Meg Corbyn.

— Sabes o que implica ser um Intermediário Humano?

— Não — foi a resposta.

— Portanto, não tens experiência em cargos destes?

— Não. Mas posso aprender. Eu *quero* aprender.

Simon não duvidava da sinceridade daquelas palavras, mas inter-

rogou-se se ela não morreria de pneumonia ou de qualquer outra coisa antes de ter oportunidade de aprender fosse o que fosse.

De súbito recordou a velha das cicatrizes sentada ao sol, a oferecer-se para lhe deitar as cartas e ler o destino das pessoas. Mas nesse dia ela não se servira das cartas, pelo menos com ele. Aquilo que ela fizera fora o motivo para que as palavras dela se tivessem enraizado na sua mente durante os últimos vinte anos. Agora, essas palavras ecoavam-lhe na memória com tanta nitidez como se as tivesse ouvido na véspera.

Sê um líder do teu povo. Sê a voz que decide quem vive e quem morre no teu Pátio. Chegará o dia em que uma vida que salves irá, por sua vez, salvar alguém que é caro.

O facto de ser o líder do Pátio de Lakeside não lhe salvara a irmã, Daphne, havia dois anos. Não obstante, pensar na velha enquanto aquela jovem a tremer aguardava pela sua decisão deixara-o incomodado.

Tess pousou uma malga de sopa na mesa, a par de algumas bolachas.

— É a última da panela — comentou Tess.

— Obrigada, mas não tenho como pagar. — A voz de Meg mal passava de um murmúrio — e estava carregada de ansiedade enquanto mirava a comida.

— É por conta da casa — disse Tess, fulminando Simon com o olhar.

— Come — indicou Simon quando Tess voltou às arrumações. — É saborosa e vai aquecer-te.

Virou a cabeça e bebeu o café enquanto observava Tess na sua rotina de encerramento, ao mesmo tempo que dava a Meg algum espaço para que se concentrasse na comida que tinha à frente.

Tess era uma dor de cabeça. Tess era sempre uma dor de cabeça, pois a linha que separava o divertimento que sentia com os humanos e a intolerância pela sua existência era muito ténue. Simon não sabia o que ela era, apenas que pertencia aos *terra indigene* — e que era tão perigosa que até outras espécies de *terra indigene* a receavam. Mas quando ela chegara ao Pátio de Lakeside, havia alguns anos, algo no olhar dela deixara-o com a certeza de que se Tess não encontrasse algum tipo de companheirismo, ela tornar-se-ia inimiga de tudo quanto vivesse.

Convidá-la para ficar fora a sua primeira decisão oficial enquanto novo líder do Pátio de Lakeside. Com o passar do tempo, enquanto a via mudar, de uma solitária arisca para alguém capaz de gerir um negócio público, nunca se arrependera da decisão.

Claro que isso não implicava confiar nela cegamente.

— O que faz um Intermediário Humano? — indagou Meg.

Simon relanceou a malga. Metade já fora. Não sabia se a pergunta queria dizer que ela já não era capaz de comer mais ou se precisava apenas de fazer uma pausa.

— Segundo os acordos estabelecidos entre os seres humanos e os *terra indigene*, cada cidade de Thaísia dispõe de um Pátio, um lote de terreno onde os Outros residem. Esses Pátios são ainda locais onde se podem adquirir os produtos fabricados pelos humanos. Mas os humanos não confiam nos Outros e nós não confiamos nos humanos. Grande parte dos produtos é entregue por humanos, e ao início verificaram-se incidentes quanto bastassem para convencer o governo humano e os nossos líderes de que seria assisado termos alguém a receber o correio e as encomendas que não tivesse vontade de comer o mensageiro. Por isso, em cada Pátio foi criada uma zona que é gerida por alguém que serve de intermediário entre os humanos e os Outros. Cada Associação Comercial dos Pátios decide o salário e os benefícios. Segundo os acordos, o governo humano está obrigado a penalizar qualquer serviço de entregas que se recuse a levar mercadoria a um Pátio. Por outro lado, o período de tempo durante o qual a posição de Intermediário Humano pode ficar vaga antes de as empresas poderem recusar-se a entrar nos nossos territórios sem penalizações é limitado. Este tipo de interrupções tende a enfraquecer a tolerância de parte a parte. E quando a tolerância cede, costuma haver mortes. Às vezes morre muita gente.

Meg comeu mais uma colherada de sopa.

— É por isso que deixa que os humanos façam compras na sua loja? Para fortalecer a tolerância entre os seres humanos e os Outros?

Inteligente. A conclusão não estava cem por cento correta — a maior parte dos *terra indigene* não estava interessada em tolerar os humanos —, mas denotava a compreensão quanto à necessidade de um Intermediário.

— O Pátio de Lakeside é uma espécie de experiência. Embora as lojas da nossa Praça do Mercado sejam exclusivamente para o nosso povo e para os nossos funcionários humanos, as que estão viradas para a Avenida Crowfield têm horários de abertura aos seres humanos em geral. A livraria e o café são duas dessas lojas. Temos ainda o ginásio, com vagas para humanos, a costureira/alfaiate, e uma galeria na Rua Principal, que quando abre, é para todos.

— Mas a lei humana não se aplica nessas lojas, pois não?

— Correto. — Simon observou-a. Não confiava em Asia Crane, mas a reação para com Meg não era assim tão simples. Por esse motivo decidiu contratá-la. O Pátio não sairia prejudicado se ela por ali ficasse alguns dias, sobretudo se alguém a vigiasse nas suas andanças. Isso dar-lhe-ia tempo para descortinar por que razão a jovem o incomodava. Claro que antes de informar Meg, Simon teria de lhe dizer mais uma coisa. — A lei humana não se aplica. Compreendes o que isso significa?

Meg assentiu. Simon não acreditou nela, mas deixou o assunto ficar por aí.

— Se quiseres o emprego, é teu.

Meg fitou-o com os olhos cinzentos-claros de um Lobo, mas ela não era um Lobo. A tez pálida enrubesceu, deixando-lhe um tom rosado nas faces. E agora que o cabelo estava a secar, Simon percebeu que tinha um tom ruivo bizarro — e *tresandava*.

Teriam de fazer alguma coisa quanto a isso.

— Posso ficar com o emprego? — indagou Meg, o tom da voz animado por algo a que ele chamaria esperança.

Simon assentiu.

— Vais receber à hora... e ficas responsável pelo registo do teu horário. Também podes usar um dos apartamentos por cima da costureira/alfaiate e podes comprar artigos em qualquer loja da Praça do Mercado.

Tess regressou e pousou um chaveiro na mesa.

— Vou buscar alguns artigos essenciais às lojas enquanto mostras o apartamento à Meg. Deixa a louça na mesa. Eu depois trato disso. — Saiu com tanta desenvoltura quanto chegara.

Meg comeu mais uma colherada de sopa e esvaziou a caneca.

— Ela está zangada comigo?

— Contigo? Não. — Com ele? Às vezes era difícil sabê-lo em relação a Tess. Noutras ocasiões, os sinais de alerta eram demasiado óbvios.

Simon exibiu as chaves.

— Nós aqui temos regras, Meg, e garantimos que elas são cumpridas. O Pátio tem acesso restrito. Não trazes convidados para o teu apartamento sem antes nos dizeres. Se cheirmos um estranho, matamo-lo. As desculpas não nos interessam e não damos uma segunda oportuni-

dade. Só na entrada da loja da esquina é que os humanos e os Outros podem confraternizar sem que seja necessária a autorização de um líder. Para lá podes levar convidados. Percebeste?

Meg assentiu.

— Muito bem. Anda. Saímos pela livraria.

Simon foi à frente pela LUM, onde pegou no sobretudo que John lhe deixara no balcão. Enquanto o vestia, abriu a porta, segurando-a até que Meg saísse. Depois trancou a porta, agarrou o braço da jovem para evitar que escorregasse e levou-a pelo Trincadela, até uma porta de vidro no edifício da costureira/alfaiate.

— A primeira chave é da porta da rua. — Simon tirou o chaveiro e usou a primeira chave. Abriu a porta, indicou a Meg que entrasse e voltou a trancar a porta. Ao recordar-se de que os seres humanos não dispunham da mesma visão noturna dos Lobos, acendeu a luz, exibindo as escadas de acesso ao primeiro andar.

Meg subiu os degraus e parou no patamar, à espera dele.

Simon passou por ela, confirmou o número do apartamento na chave e soltou um ronco quase inaudível de surpresa. Tess dera-lhe a chave do apartamento da frente, o mais distante da porta para a Avenida Crowfield — e mais próximo da escadaria de acesso ao Pátio.

Simon abriu a porta do apartamento e acendeu a luz do teto, descalçando automaticamente as botas molhadas que deixou no corredor. Olhou em redor enquanto aguardava que Meg descalçasse as sapatilhas molhadas. Asseado e simples. Casa de banho e roupeiro ao fundo. Zona de cozinha com refrigerador, forno de ondas, uma pequena bancada e lava-louça, e armários mínimos. Cama de corpo e meio e cómoda. Uma pequena mesa retangular e duas cadeiras. Um cadeirão com otomano e um candeeiro de leitura ao lado de uma estante vazia.

— Deve haver um jogo de toalhas na casa de banho — indicou Simon. — Bem pareces precisar de um duche quente.

— Obrigada — murmurou Meg.

— A casa de banho é ali. — Simon apontou.

Meg tremia tanto que Simon duvidava que ela fosse capaz de despir a roupa molhada, mas não fazia tenção de a ajudar.

A porta da casa de banho fechou-se. Não havia grande coisa que se pudesse ocultar da audição animal, mas Simon ignorou os sons. O autoclismo foi puxado enquanto ele procurava os cobertores adicionais

na gaveta de baixo da cómoda. Momentos depois foi a vez de o chuveiro começar a correr.

Fitava a neve a cair do outro lado da janela quando Tess entrou, com dois grandes sacos.

— Pus tudo na tua conta — indicou ela. Tinha o cabelo, habitualmente castanho e liso, com caracóis e madeixas verdes — sinal de que Tess não estava calma. Pelo menos, as madeixas não eram ruivas, o que indicaria que estava zangada.

Quando o cabelo ficava preto, havia quem morresse.

— Puseste o quê na minha conta? — quis saber Simon.

— Dois conjuntos de roupas, pijamas, produtos de casa de banho, um blusão quente e botas, e alguma comida.

O blusão era vermelho, uma cor que atraía muitos dos residentes do Pátio, pois regra geral indicava uma presa abatida. Uma vez que essa seria a razão mais provável para ninguém o ter comprado, ficou a pensar no motivo para que Tess o tivesse trazido para Meg.

— Pensei em oferecer-lhe a refeição do meio-dia como parte do salário — sugeriu Simon.

— Talvez seja melhor discutires o assunto com o resto da Associação Comercial antes de tomares tantas decisões. Ainda por cima contrataste uma Intermediária nova sem consultares os outros — retorquiu Tess, com um tom duro.

— Trouxeste-me as chaves do apartamento antes de eu tas pedir, por isso, também deves ter tomado uma decisão — argumentou Simon.

Tess não respondeu. Limitou-se a deixar um dos sacos em cima da cama, levando o outro para a cozinha. Depois de guardar os alimentos, juntou-se a Simon à janela.

— Não tens o hábito de recolher errantes, Simon. Muito menos macacos.

— Não a podia deixar ao frio.

— Podias, sim. Já deixaste outros humanos à sorte deles. Esta é diferente porquê?

Simon encolheu os ombros, não querendo falar sobre a velha das cicatrizes cujas palavras haviam moldado tantas das suas opções.

— Precisamos de um Intermediário, Tess.

— Sabes que para mim, essa ideia é de loucos. Os únicos humanos que querem esse trabalho são ladrões que julgam que nos podem roubar,

ou então os que andam a fugir das leis deles. Expulsaste o último por ser um preguiçoso, e o anterior... os Lobos *comeram* o anterior.

— Não fomos só nós que o comemos — resmungou Simon.

Não obstante, via-se obrigado a admitir que Tess tinha uma certa razão. Os Intermediários mal tinham tempo de aprender a cumprir os seus deveres — quando se davam a esse trabalho — antes de precisarem de um substituto, fosse qual fosse o motivo para isso. Os seres humanos queriam sempre o emprego por razões que nada tinham a ver com o emprego propriamente dito. Não era por isso que ele não confiava o trabalho a Asia? Ambicionar o cargo de Intermediária era o passo seguinte na tentativa de o levar a reparar nela. Simon não queria que ela andasse por ali a meter ainda mais o nariz em tudo.

— Do que estará a Meg Corbyn a fugir? — interrogou-se Tess. — Com as roupas que trazia vestidas, ela não saiu aqui das redondezas.

Simon não respondeu porque não discordava da opinião. Era como se Meg tivesse *Fugitiva* tatuado na testa.

As madeixas verdes desvaneceram-se do cabelo de Tess, que suspirou.

— Pode ser que fique tempo suficiente para tratar de parte do acumulado de correio e de encomendas.

— Talvez — acedeu Simon. Não acreditava que Meg Corbyn, ou lá quem ela na verdade fosse, ficasse muito tempo depois de receber o primeiro pagamento. Mas a rapariga dissera que queria aprender, e nenhum dos outros humanos afirmara tal coisa. Nem sequer Asia.

Seguiu-se um silêncio incómodo.

— Devias ir-te embora — aventou Tess. — Rapariga nua no duche. Um estranho. Estou sempre a ler este tipo de histórias nos livros que os humanos escrevem.

Simon hesitou, mas Tess tinha razão.

— Diz à Meg que nos encontramos na Estação do Intermediário às oito e meia da manhã. Isso dá-me tempo para tratar de umas coisas com ela antes de as entregas começarem a chegar, às nove.

— Tu é que mandas.

Simon pousou as chaves em cima da mesa e saiu do apartamento — e interrogou-se se teria assassinado a jovem por tê-la deixado sozinha com Tess.

...

A água quente a bater-lhe no corpo magoava-a e dava-lhe uma sensação maravilhosa. Usou o champô e o sabonete que estavam na prateleira do chuveiro, e depois deixou-se ali ficar, apoiada com uma mão contra a parede.

Por enquanto encontrava-se em segurança. Por aquela altura, o vento e a neve teriam eliminado quaisquer vestígios da sua passagem. Seria vista por humanos, e isso seria um risco, mas conquanto permanecesse dentro dos limites do Pátio, ninguém lhe poderia tocar. Nem sequer...

A tremer, estendeu os braços. Ambos estavam marcados com linhas finas, cicatrizes que iam desde o cotovelo ao ombro, espaçadas por meio centímetro. Tinha o mesmo tipo de cicatrizes desde o topo da coxa esquerda e no exterior da direita. Outra sequência de cicatrizes idênticas percorria-lhe o lado esquerdo das costas — a execução fora perfeita. Tinham de ser precisas, caso contrário, o corte valeria menos — ou não valeria nada. Salvo como castigo.

Ignorou o entrançado de cicatrizes na parte superior do braço esquerdo e observou as crostas nas três linhas nesse antebraço. Não se arrependeria dessas cicatrizes. As visões que tivera ao fazer esses cortes haviam-lhe conseguido a liberdade. E haviam-lhe mostrado uma imagem da sua morte.

Um quarto branco. Uma cama estreita com grades metálicas. Estava presa nesse quarto, nessa cama, incapaz de obrigar os pulmões a inspirar. E Simon Wolfgard, o homem de cabelo escuro que ela vira na profecia, encontrava-se ali, às voltas com um rosnido no fundo da garganta.

Fechou a torneira e abriu a porta da cabine de chuveiro.

Momentos depois, alguém bateu à porta da casa de banho.

— Meg? É a Tess. Vou abrir a porta e deixar-te um pijama, está bem?

— Sim. Obrigada.

Meg pegou numa toalha e segurou-a à sua frente, satisfeita por o espelho estar embaciado a ponto de não mostrar as cicatrizes que a toalha não escondia.

Quando Tess voltou a fechar a porta, saiu da cabine do chuveiro, secou-se o mais depressa que pôde e vestiu o pijama. Limpou a condensação do espelho e confirmou que não havia qualquer cicatriz à mostra, depois abriu a porta e regressou ao apartamento.

— Dá-me as tuas roupas molhadas — indicou Tess. — Eu mando-as secar.

Meg assentiu e foi buscar as roupas que deixara na casa de banho, entregando-as a Tess.

— Há comida nos armários e no frigorífico — explicou Tess. — E dois conjuntos de roupas. Tive de imaginar o teu tamanho ao calhas, por isso, se elas não te servirem, podes trocá-las na loja. O Simon vai ter contigo à Estação do Intermediário às oito e meia da manhã para reverem as tuas responsabilidades.

— Está bem — confirmou Meg. Agora que já aquecera, manter-se acordada revelava-se quase impossível.

— As chaves estão em cima da mesa. — Tess encaminhou-se para a porta.

— Foste muito simpática. Obrigada.

Tess virou-se e fitou-a.

— Vê se dormes.

Meg contou até dez antes de correr para a porta. Não sabia se seria possível ouvir alguma coisa encostando o ouvido à madeira, tal como se fazia nos filmes, mas não deixou de tentar. Não ouviu nada, pelo que trancou a porta e apagou a luz do teto. A iluminação pública da Avenida Crowfield garantia luz suficiente para que Meg conseguisse chegar às janelas. Correu o cortinado grosso, ocultando uma delas, depois hesitou e deixou a segunda destapada. Regressou às apalpadelas à cama, onde se deitou a tremer até que os lençóis aquecessem com o calor do seu corpo.

A morte aguardava-a algures no Pátio, mas não a procuraria nessa noite. Ninguém a procuraria nessa noite.

Meg suspirou de alívio, fechou os olhos e adormeceu.

Simon abanou-se para tufar o pelo. Nem pensar ir para ali na forma humana, mas a neve já parara de cair e enquanto Lobo, o frio não o incomodava — especialmente com alguns dos Lobos à espera para uma corrida pelo Pátio.

Demasiado tempo na forma humana deixava-o nervoso. Sim, oferecera-se para gerir aquele Pátio e fora ele que insistira para que se desse acesso aos seres humanos a algumas lojas para que pudessem ficar de baixo de olho. Claro que isso não o deixava menos incomodado quando estava perto deles, ou quando passava tantas horas nessa pele, como nas

durante o horário de expediente da Ler e Uivar por Mais. Precisava de passar tempo *naquela* pele — precisava de correr.

Elliot chegou junto dele. Simon era o Lobo dominante em Lakeside, mas o seu progenitor era o rosto oficial do Pátio. Elliot não se mostrava interessado em gerir negócios, nem se sentia à vontade a tratar com os outros *terra indigene*, sobretudo as Elementais e os Sanguinati, mas tinha jeito para lidar com o governo humano e era o único de entre todos eles capaz de passar horas a falar com o presidente, ou outros dignitários da cidade sem morder ninguém.

Assim, era habitual que Simon fosse visto como líder empresarial, ao passo que Elliot, mais social e sofisticado, era erroneamente tido como o *líder* do Pátio de Lakeside. E Simon não tinha problemas com isso. O pai podia apertar mãos, comparecer a jantares e deixar-se fotografar. E se o presidente e os seus amiguinhos tivessem sorte, nunca descobririam que a sofisticação de Elliot era meramente superficial.

Outros sete Lobos juntaram-se a eles. Simon subiu a estrada nevada, satisfeito com a companhia. Cada espécie de *terra indigene* que vivia no Pátio dispunha de uma secção que era respeitada como seu território natal, mas o resto do território era partilhado por todos. Assim que Simon e os seus amigos cruzassem a Ponte do Ribeiro do Pátio entrariam na área do Clã dos Falcões, pelo que tomariam a primeira estrada que dava acesso ao interior.

Lobo, pensou, enquanto todos mantinham um trote calmo para aquecer os músculos. Talvez todos os lobos fossem como eles na alvorada do mundo, mas os *terra indigene* — ágeis, fortes e mortíferos — haviam mantido a forma primeva, mais corpulenta. Agora, o animal a que os seres chamavam lobo era para o Lobo *terra indigene* o que um lince era em relação a um tigre.

Trotavam sobre meros cinco centímetros de neve na estrada; o resto do nevão daquela noite fora acumulado de ambos os lados do caminho. Não podia esquecer-se de agradecer às raparigas do lago por isso.

Assim que os músculos aqueceram, Simon deu início a uma corrida, liderando a alcateia sobre a ponte. Sabia bem correr. Sabia bem o ar gelado no pelo. Sabia bem...

O vento mudou. Uma Coruja, uma das sentinelas noturnas do Pátio, gritou um alerta. <Intrusos!>

Não devia haver ninguém na estrada entre o Parque de Lakeside e

o Pátio, à exceção dos limpa-neves que labutariam noite adentro para abrir as estradas que os humanos tomariam para irem trabalhar no dia seguinte. Se um trabalhador humano *tivesse* de entrar no Pátio, *especialmente* à noite, Elliot seria informado com antecedência por um agente do governo. Assim sendo, nessa noite não havia motivo para a presença de um ser humano.

Simon apanhou o cheiro e acelerou ao máximo, encaminhando-se para a estreita estrada de serviço que acompanhava a vedação do Pátio.

Não houve uivos, sons, alerta. Apenas formas negras, brancas e cinzas que se fundiam com a neve e a noite ao correrem a caminho do inimigo.

Seria um risco, caso os humanos dispusessem de armas, pois a neve mais profunda na estrada de serviço atrasava os Lobos o suficiente para que os intrusos conseguissem disparar um tiro ou dois.

Claro que os humanos teriam igualmente de abrir caminho pela neve, pelo que não conseguiriam fugir, mesmo que ferissem um Lobo ou dois.

<Ali>, indicou Simon.

Três humanos avançavam pela neve, afastando-se da vedação de ferro forjado preto que servia de fronteira do Pátio.

<Espingarda>, avisou Elliot.

<Estou a ver>, retorquiu Simon. Só um a entrar no território dos Outros com uma arma? Pouco provável. Lá por não ver mais armas, não queria dizer que não as houvesse.

Avistou o fumo preto que flutuava logo acima da neve, aproximando-se rapidamente dos intrusos. Ignorou o fumo e concentrou-se no indivíduo com a espingarda. O tolo não estava a prestar atenção e não o viu, nem aos outros Lobos, até que o terceiro homem olhou em volta e gritou um alerta.

A espingarda foi virada na direção de Simon.

Não alcançariam o inimigo a tempo. O disparo atingiria um deles.

O fumo negro cercou repentinamente o homem da espingarda. Parte da névoa transformou-se em mãos que apontaram a espingarda para o céu no momento em que o humano premiu o gatilho.

Simon correu através do fumo e saltou, batendo com tanta força no segundo homem que ambos se ergueram do carreiro incerto e foram

aterrar em cima da neve intocada. Cerrou os dentes sobre o cachecol grosso que envolvia o pescoço do humano e a força esmagadora das mandíbulas de Lobo estrangulou a presa, enquanto outros Lobos prendiam os pulsos do homem, impedindo-o de se defender.

O homem envolvido pelo fumo soltou um grito.

Simon deteve a presa até que esta deixou de se debater. Largou o pescoço e ergueu a cabeça para cheirar o rosto do humano. Apenas inconsciente.

Perfeito.

A neve ficou manchada com o sangue que jorrou da garganta do terceiro humano, com os Lobos a rasgarem as roupas para chegarem à carne.

O fumo em torno do primeiro humano condensou-se até se tornar um homem de cabelo preto, com camisola de gola alta e calças de ganga pretas. Tinha os braços à volta do humano, com as mãos ainda a cobrir as que seguravam a espingarda.

Na sua forma de fumo, os Sanguinati envolviam a presa e sugavam o sangue através da pele. Com aquele tempo, não havia grande área de pele exposta, mas o rosto do humano suava gotas de sangue que congelavam quase de imediato.

<Vlad>, disse Simon.

Vladimir sorriu, exibindo os caninos compridos.

— Vou levar este para as Câmaras. O Avô está a ver filmes antigos e vai gostar de fazer um lanche.

Simon baixou a cabeça em sinal de reconhecimento.

— O Nyx e eu já voltamos para ver o que pode ser útil e para nos livrarmos do resto. — Sempre a sorrir, Vlad arrancou a espingarda das mãos do humano, segurou com força o sobretudo e encaminhou-se de regresso à zona do Pátio que pertencia aos Sanguinati, correndo com facilidade enquanto arrastava a presa.

Simon seguiu o rasto deixado pelos seres humanos, analisando o zimbardo partido que fora plantado para ocultar o Pátio dos carros que por ali passavam — e para garantir alguma privacidade contra olhares indesejados a partir do parque no outro lado da estrada. Ergueu-se sobre as patas e abriu caminho por entre dois arbustos.

O rasto partia de um carro estacionado no cotovelo da Avenida Parkside e que tinha os piscas ligados. A presença do veículo seria notada

aquando da passagem do limpa-neves seguinte, mas ninguém iria fazer perguntas antes da manhã — se alguém lá fosse, de todo.

Regressou a trote para as presas.

Vários Lobos despedaçavam alegremente o outro corpo. Elliot aguardava junto ao humano inconsciente. Quando Simon se aproximou, Elliot olhou na direção tomada por Vlad.

<Aquela presa era nossa>, rosnou Elliot.

<Também era dele>, retorquiu Simon, arreganhando os dentes. <Nós partilhamos.>

<Um desperdício de carne.>

<Não é desperdício.> Era verdade que os Sanguinati não usavam a carne, mas depois de a família de Vlad ter jantado, ele ligaria a Boone Hawkgard, o talhante do Pátio. No dia seguinte haveria um sinal discreto na montra da loja a informar os *terra indigene* da disponibilidade de carne especial.

Uma mudança na respiração do indivíduo deu conta do regresso à consciência. Era altura de comer.

Os dedos nas patas anteriores alongaram-se, transformando-se em dedos fortes e hirsutos com garras aguçadas. Simon e Elliot abriram o sobretudo, arrancaram o cachecol, a camisa de flanela e a t-shirt, e rasgaram as calças e as ceroulas desde as coxas aos tornozelos.

Um arfar. O humano abriu os olhos.

Simon arreganhou os dentes e mordeu a barriga, enquanto Elliot rasgava o pescoço, atalhando o grito do desgraçado.

Rasgar. Estraçalhar. Engolir a carne quente. Simon puxou o fígado e devorou-o alegremente, deixando o coração para Elliot. Comeu a sua parte e depois afastou-se, reduzindo os dedos anteriores para a forma de Lobo enquanto se rebojava na neve para limpar o pelo. Quando os amigos ficaram saciados, Simon uivou a Canção da Presa. Quaisquer Lobos que por ali andassem naquela noite iriam acercar-se para uma trincadela ou duas.

Nós partilhamos, pensou, olhando para o braço que arrancara algures durante o festim. Pegou-lhe e retrocedeu até à estrada principal do Pátio. Depois afastou-se num trote. Cruzou a Ponte do Ribeiro do Pátio e atravessou os terrenos do Clã dos Lobos, deixando, por fim, o braço na parte corvina do Pátio. Pela manhã, os Corvos teriam um pequeno-almoço simples.

Momentos depois, Elliot chegou junto a ele, arrastando parte de uma caixa torácica. O pai podia não gostar de partilhar uma presa, mas Elliot concordara em seguir as ordens de Simon quando se tinham mudado para Lakeside.

Sim, os Corvos iam comer bem nessa manhã. E depois de todos terem recebido a sua parte, pouco restaria dos macacos para queimar e enterrar.

Capítulo 2

Isto é um carro, isto é um comboio, isto é um autocarro... Uma caveira com ossos cruzados significa veneno... Chiu. Está calada. Isto é outra aula... Presta atenção, cs759. Vê o que acontece quando alguém é envenenado... Isto é um cão, isto é um gato... Este vídeo mostra uma mulher a montar a cavalo... Isto é uma criança, isto é um martelo. Isto é o que acontece a uma cara quando...

Um ronco despertou Meg de um sono agitado. Com o coração aos pulos, mirou as formas escuras recortadas na luz cinzenta, tentando recordar-se de onde estava, ao mesmo tempo que tentava escutar passos no corredor que indicassem que os Nomes Ambulantes estavam a chegar para dar início aos «mimos» e às lições arrasadoras do dia.

Os guardas e os outros funcionários de farda branca, com placas com os nomes presas por cima do bolso do peito. Os homens de bata branca que sondavam, examinavam e decidiam aquilo de que as raparigas precisavam para se manterem em condições excelentes. E a cs747 a gritar-lhes que também tinha nome, que se chamava Jean, e que lá por não ter o nome preso à camisa, o que dizia não deixava de ser verdade.

Jean ficara presa durante semanas, depois de ter roubado uma dessas placas e usado o alfinete para escrever o seu nome na barriga com grandes letras, estragando toda aquela pele dispendiosa. Após esse contratempo, as fardas passaram a ter os nomes cosidos. Quando Jean regressara às sessões de formação, passou a referir-se a todos os que trabalhavam no complexo como sendo um Nome Ambulante, recusando-se até a conceder-lhes uma designação distinta.

Os Nomes Ambulantes detestavam Jean. Meg, por seu lado, escutara as divagações e as memórias vagas da rapariga mais velha sobre um diferente tipo de vida e sonhara com algo que apenas vislumbrara através das imagens que compunham as suas lições. Pensar nela como Meg e não como cs759 fora o primeiro ato silencioso de rebelião.

Outro som, mais um triturar constante do que um ronco.

Já não se encontrava no complexo. Não estava ao alcance dos Nomes Ambulantes, nem do Controlador que geria o lugar. Estava no Pátio de Lakeside... ao alcance dos *terra indigene*.

Meg levantou-se da cama e dirigiu-se à parede, ao lado da janela, de onde podia espreitar sem que a vissem.

Mais um ronco quando um camião grande desceu a rua, com a lâmina pesada a afastar a neve à sua frente.

Um limpa-neves. Os que ela vira nos vídeos de formação não haviam produzido sons, mas isso era normal. A identificação de sons era uma aula distinta da de reconhecimento de imagens. À parte as ocasiões em que mostravam excertos de vídeo às raparigas, não era habitual usarem-se sons e imagens a par.

Um triturar constante.

Mexeu-se para ver mais um pouco da extensão da rua.

Um carro a percorrer a estrada. O triturar era o som dos pneus na neve. Os pés dela haviam feito o mesmo som na véspera. Neve e um gelo intenso. Tinha agora um som que acompanhasse o que vira e sentira — uma recordação visual e não uma imagem de formação.

Regressou à cama a tremer e tapou-se com os cobertores até voltar a aquecer.

Escapara e fugira. Não tinha a certeza da localização do complexo — focara-se em para onde ir e não onde estivera —, mas sentia-se muito distante do local onde o Controlador mantivera as suas raparigas. Ia enviar alguém à sua procura. Mesmo que Meg estivesse esvaída a ponto de ser considerada uma perda, ele não podia deixar que a fuga fosse um êxito. Outras raparigas poderiam tentar fugir também, e isso era algo a que o Controlador não se podia dar ao luxo.

Claro que, por agora, Meg tinha um emprego — e um empregador que era um Lobo na sua outra forma. Era isso que significava o apelido. Qualquer um que se chamasse Wolfgard era um *terra indigene* capaz de se transformar em Lobo. Ou talvez fosse um Lobo capaz de se transformar em ser humano. Nem mesmo o Controlador, com todos os seus espões à procura de informação, seria capaz de descobrir grande coisa acerca dos Outros que não fosse de conhecimento quase geral.

Meg pensou na neve e no frio. Pensou em passar um dia enroscada na cama.

Depois pensou em ser despedida no primeiro dia de trabalho e em dar consigo sozinha nas ruas. Por isso levantou-se e tomou mais um duche longo e quente, pois não havia ali ninguém que lhe dissesse que não o podia fazer. Enroscada no robe, secou o cabelo com a toalha enquanto observava as roupas que Tess lhe deixara. Um par de calças de ganga pretas e outro azuis-escuras. Dois pulôveres grossos — um preto; outro azul. Dois tops cremes de gola alta.

O preto parecia demasiado solene para o primeiro dia, pelo que optou pelo conjunto azul. Sentiu-se aliviada ao ver que tudo lhe servia, desde a roupa interior aos sapatos que pareciam pesadões, mas que eram extremamente confortáveis. Meg dirigiu-se à alcova da cozinha, onde abriu armários e gavetas. Identificou uma pequena cafeteira elétrica que não sabia como usar e um forno de ondas, que não sabia como usar. Encontrou manuais de instruções numa das gavetas, mas uma breve olhadela ao relógio desencorajou-a de tentar perceber qualquer dos eletrodomésticos. Tinha a cabeça repleta de imagens, mas tratava-se de quadros ou resumos de uma ação completa — quanto bastasse para identificar algo, mas não para perceber como fazer fosse o que fosse por sua conta.

Os cortes que suportara como castigo pelas mentiras e pelas provocações quase a haviam deixado louca, mas também tinham servido para associar muitas imagens anteriores que provavelmente teria visto em profecias, contextualizando-as de forma útil. Se não tivesse sido castigada, não teria descoberto como fugir.

Sem saber quanto tempo a comida deveria durar, contentou-se com meio copo de sumo de laranja, duas dentadas de um queijo amarelo intenso e um pedaço de frango cozinhado. Ainda com fome, vasculhou os armários e encontrou uma caixa de cereais e um pacote de bolachas de chocolate.

Abriu o pacote e comeu duas bolachas tão depressa que mal lhes sentiu o sabor. Tirou mais uma bolacha que comeu lentamente, saboreando-a. Voltou então a guardar o pacote no armário e fechou a porta com firmeza.

Imagem de treino. Insetos em pacotes de comida abertos deixados num armário.

Meg voltou a abrir o armário e a tirar o pacote de bolachas. Sem o conseguir fechar devidamente, procurou nos outros armários até encontrar pequenos pratos com tampa de vidro no armário por baixo do

forno, mas nenhum grande o suficiente para nele guardar o pacote — a menos que comesse mais bolachas.

Fez menção de tirar mais uma bolacha, mas abanou a cabeça e continuou com a busca nos armários. Encontrou um frasco com tamanho adequado e com tampa. Um relance ao relógio por cima do forno mostrou-lhe que esgotara o tempo, pelo que o frasco teria de servir.

Calçou as botas e depois guardou os sapatos num dos grandes sacos com fecho que Tess deixara ficar. Teria de encontrar uma bolsa onde guardar quaisquer pequenos objetos pessoais que tivesse de levar consigo.

Com o que seria que as mulheres andavam?

Dirigiu-se à porta, completamente absorta a tentar recordar alguma imagem de formação sobre bolsas e respetivo conteúdo. Um leve bater na porta fê-la soltar um breve gritinho ao recuar, de coração aos pulos. A segunda batida, mais forte e impaciente, pareceu mais reconfortante, de um modo assustador.

Destrancou a porta e entreabriu-a o suficiente para espreitar.

Simon Wolfgard estava a devolver-lhe o olhar.

— Sr. Wolfgard. — Abriu completamente a porta. — Não estava à sua espera.

— A sério? — Avançou pela soleira, obrigando-a a recuar. — Como nunca fizeste este tipo de trabalho, imaginei que gostasses que te explicasse as responsabilidades. E que pudesses gostar de ficar a conhecer o atalho para a Estação do Intermediário, para não teres de andar pela rua.

Como poderia Simon saber que ela queria evitar o mais possível andar no território deles? Saberia quem ela realmente era? *Aquilo* que era?

Simon observou-a. Os óculos de armação de metal que envergava não ocultavam como na véspera os olhos predadores ambarinos. Mas ele não fazia nada, além de a fitar... porque estava à espera que ela fosse buscar o casaco para lhe mostrar a Estação do Intermediário antes de ir à vida dele.

Em alguns excertos de vídeo a que Meg assistira, as pessoas diziam «dah» ou batiam com a mão na testa para indicar um momento de estupeficação. Meg imaginava que ele já a considerava tola quanto bastasse, e não queria confirmar essas suspeitas.

Foi buscar o blusão vermelho ao roupeiro.

— Chapéu, luvas e cachecol — enumerou Simon ao olhar para o quarto, como se confirmasse as diferenças entre o cenário da véspera.

Meg encontrou as peças nas prateleiras embutidas num dos lados do roupeiro. Envolveu o pescoço com o cachecol e envergou o chapéu ao encaminhar-se para Simon.

— Chaves — indicou ele.

Meg avistou as chaves em cima da mesa. Olhou em redor, tal como ele fizera, e interrogou-se se haveria mais alguma coisa que uma pessoa normal se lembraria de fazer antes de sair do domicílio.

— Estás pronta? — indagou Simon.

Poderia essa pergunta ter uma rasteira? Ela tinha tantas questões. Havia tanta coisa que não sabia. Mas ele era seu patrão, por isso talvez não fosse um gesto inteligente perguntar-lhe acerca de temas que nada tivessem a ver com o trabalho.

Simon saiu para o corredor e observou-a a debater-se com a fechadura. Meg guardou então o chaveiro no bolso do blusão, ficando aliviada ao perceber que o bolso dispunha de fecho. As pessoas perdiam chaves constantemente. Ela própria tinha cicatrizes nos dedos dos pés que o testemunhavam.

A poucos passos da porta de Meg, entraram num outro corredor que contornava o edifício até às traseiras e terminava numa porta de madeira e vidro.

Simon destrancou-a.

— É a terceira chave. Não precisas de chave para sair, mas precisas dela para voltar a entrar.

— Terceira chave — repetiu Meg. Seguiu-o para o exterior e sentiu os pulmões a gelarem. — Está *frio*.

— Estás no Nordeste e é inverno. É suposto estar frio. Tem cuidado com estes degraus. Foram varridos esta manhã, mas podem ser escorregadios.

Simon desceu as escadas a correr, ignorando o seu próprio conselho. Meg manteve-se bem firmada ao corrimão, ao mesmo tempo que agarava com força o saco com a outra mão.

Simon apontou para o edifício oposto ao local onde se encontravam.

— Ali são as traseiras da Estação do Intermediário. Já lá chegamos. Primeiro... — Passou por uma construção térrea com grandes portões.

— Garagens. Algumas contêm veículos; as outras são usadas como armazéns.

— Garagens — resmungou Meg, esforçando-se por acompanhar as passadas mais largas do patrão.

Simon virou à esquerda e passaram por um espaço vazio, cercado por muros em três lados.

— Parque de estacionamento dos funcionários — indicou. Fez uma pausa e apontou para uma porta no muro dos fundos. — Aquela porta vai dar ao parque de estacionamento dos clientes. Está trancada e só é usada quando procedemos à manutenção. — Cruzou o parque de estacionamento e atravessou uma arcada.

Meg olhou para os edifícios que cercavam um espaço aberto. As construções de três dos lados tinham dois andares. O lado com as duas maiores arcadas era de primeiro andar.

— Esta é a Praça do Mercado — explicou Simon. — Há degraus que vão dar à zona aberta, mas agora não podes lá ir, por isso deixa-te ficar perto dos edifícios. — Apontou para várias portas. — A biblioteca do Pátio. Aí podes requisitar livros, ou então comprá-los na Ler e Uivar por Mais, se houver algum com que queiras ficar. A Música e Filmes tanto empresta como vende. Temos uma mercearia, um talho, uma clínica para os curandeiros *terra indigene*, o equivalente aos vossos médicos, dentista, farmácia, armazém, roupa...

— Brillhantes e Tralhas? — interrompeu Meg ao avistar a placa ao lado da porta de uma das lojas.

— É gerida por cinco Corvos. Lá podes encontrar diamantes falsos, diamantes verdadeiros ou uma boneca só com um braço. Os humanos autorizados a fazer compras na Praça do Mercado dizem que a loja dos Corvos é um misto entre feira da ladra e joalheria. Regra geral, são os outros Corvos que a consideram interessante, mas já houve humanos que me disseram que se souberes o que procurar, é possível encontrar coisas interessantes.

A Brillhantes e Tralhas parecia ser um lugar interessante, e Meg avis-tou outras placas simples que a deixaram intrigada, como por exemplo uma loja que vendia gelados e chocolates. Simon, no entanto, já dera início ao regresso, pelo que Meg se apressou a acompanhá-lo.

Simon deteve-se nas traseiras da Estação do Intermediário e voltou a apontar.

— Aquelas são as entradas dos fundos da Ler e Uivar por Mais e do Trincadela. A Tess dá-te a refeição do meio-dia como parte do salário, por isso podes entrar por aquela porta quando fizeres a pausa para comer.

Meg tinha a cabeça às voltas. Tantas imagens em tão pouco tempo. Tantas coisas para recordar! Mas reconheceu as escadas por onde haviam descido minutos antes, o que a deixou mais descansada. Agora, se pelo menos fosse capaz de entender por que motivo estava ele irritado. Não fora ela que pedira uma visita guiada. Fora *ele* que os mantivera ali fora, ao frio, apesar de estar sempre a fungar, como se estivesse constipado.

— A quarta chave abre a porta das traseiras — indicou Simon, parecendo ainda menos afável do que há pouco.

Meg sentia-o a eriçar-se, a ocupar demasiado espaço enquanto ela se debatia para retirar o chaveiro do bolso do blusão.

— Não voltes a fazer aquilo que fizeste ao cabelo — rosnou Simon.

O rosto dele aproximou-se repentinamente de tal maneira que Meg deixou cair as chaves. A área à frente da porta fora limpa, mas, mesmo assim, Meg teve de se servir de uma luva para limpar as chaves ao apanhá-las.

— O que é que tem o meu cabelo? — perguntou ela, detestando o som da voz, débil e defensiva.

— Tresanda. — A voz *dele* nada tinha de débil ou defensiva.

— Usei o champô que estava no apartamento. Não tinha mais nada. — Ainda pior do que o modo como a voz soava defensiva, detestava pensar que teria de se submeter a mais alguém que julgava ter o direito de lhe controlar a vida.

— E não vais usar mais *nada*. Os *terra indigene* fazem esses produtos e vendem-nos nas nossas lojas por não empestarem o ar. Mas eu não estava a falar do sabonete, nem do champô. Aquilo que fizeste para que o teu cabelo parecesse sangue velho e cascas de laranja também o faz tresandar, e não o voltas a fazer!

Oh, céus. Meg estivera com pressa para se disfarçar, pelo que deveria ter cometido um erro ao usar o frasco de tinta ruiva no cabelo. *Parece que a mudança de cor que esta manhã vi ao espelho não foi por causa da luz na casa de banho do apartamento.*

— Vê se percebes uma coisa, Meg Corbyn. Não deixamos que os

humanos vivam na nossa parte do mundo por gostarmos de vocês. Permitimos que aqui vivam porque podem ser úteis e porque inventaram coisas que nós gostamos de ter. Se não fosse por isso, não passavam de carne. Algo que é bom não esqueceres.

— Não é justo que fique zangado com o meu cabelo — resmungou Meg, procurando ocultar o facto de que estava a começar a tremer. Imaginava que, naquele momento, tremer não seria propriamente boa ideia.

— Não tenho de ser justo — retorquiu Simon, com maus modos. — Estás no Pátio. As regras que os seres humanos possam ter para os funcionários não são iguais às minhas regras, a menos que eu diga que assim é. Por isso, posso contratar-te mesmo sem teres a mais pequena noção daquilo que estás a fazer, e *posso despedir-te por teres cabelo que tresanda!*

— Não posso fazer nada quanto ao meu cabelo, a menos que queira que o rape! — ripostou Meg. E depois ficou aterrada, ao pensar que talvez fosse exatamente isso que ele ordenaria que fizesse.

Um rosnido. Um rugido. Um berro. Meg não fazia ideia como descrever o som produzido por Simon.

Meg estremeceu. Não o pôde evitar. Ele continuava a ter um aspeto humano, mas, ao mesmo tempo, parecia selvagem e feroz.

— Será má altura para uma apresentação? — ouviu-se uma voz tonitruante.

Um matulão com um manto desgrenhado de cabelo castanho que lhe chegava aos ombros. Calças de ganga e camisa de flanela, com um blusão aberto, como se o frio não o incomodasse.

— Vais deixá-la a tremer ao frio ou vais mostrar-lhe o posto de trabalho? — indagou, olhando para Simon. — Ou será que devo...

Simon rosnou.

O calmeirão limitou-se a aguardar.

Simon tirou um molho de chaves do bolso e abriu a porta. Depois meneou a cabeça na direção da jovem.

— Esta é a Meg Corbyn. — Semicerrou os olhos para o homem. — E este é o Henry Beargard. — Sem mais comentários, Simon empurrou-a para o interior e fechou a porta.

Mesmo através da porta fechada, Meg ouviu a gargalhada ribombante de Henry.

— Os cabides nas paredes são para os blusões — indicou Simon, num tom irritado. — As esteiras são para as botas e para os sapatos

molhados. O soalho fica escorregadio quando está húmido. Os nossos curandeiros não fazem ideia de como reparar os humanos verdadeiros, por isso, se escorregares e fraturares uma perna, nós comemos-te, tal como faríamos a um veado. — Descalçou as botas e calçou um par de mocassins que se encontravam em cima da esteira. — Retrete e lavatório atrás daquela porta. A zona de armazenamento é ao lado. Os caixotes com roupas são para os *terra indigene*. Não lhes toques. Refrigerador. Forno de ondas e chaleira elétrica para aquecer água. Canecas, pratos e talheres nos armários aqui em baixo. Ficas responsável pela limpeza daquilo que usas. — Atirou-lhe um olhar penetrante. — E então? Vais ficar aí espedada?

Meg despiu o blusão e descalçou as botas, calçou os sapatos que levava consigo e lembrou-se de pegar nas chaves quando ele lhe rosnou.

Simon não era um homem agradável, e Meg ia aprender as suas obrigações o mais depressa possível para não ter de lidar muito com ele.

Simon abriu outra porta de madeira que dava para mais um espaço grande.

— Sala de separação — indicou Simon, acercando-se de um painel na parede, onde pressionou um interruptor. — Este painel destranca as portas de entrega, que ficam trancadas, a menos que estejas a aceitar uma entrega aprovada ou a distribuir correspondência.

— Como é que eu sei que foi apro...

— Os compartimentos nesta parede têm a correspondência para as lojas da Praça do Mercado. As divisórias maiores são para as encomendas e para tudo o que precise de se manter liso. Também se pode guardar embrulhos debaixo da mesa de separação ou naqueles armários. — Simon atirou-lhe mais um olhar hostil ao abrir outra porta e apontar para a placa aparafusada à madeira. — Estás a ver isto? Diz PRIVADO. Ninguém que não seja *terra indigene* entra nesta sala de separação. Só tu. Percebeste?

— Percebi, mas... porquê? — indagou Meg.

— Porque eu digo que é assim. Porque aquilo que se passa no interior do Pátio só nos diz respeito a nós. — Simon olhou para o relógio na parede e rosnou. — Tenho de tratar de outros assuntos, por isso vais ter de descobrir sozinha o que fazer a seguir.

— Mas...

— As entregas são recebidas entre as nove e o meio-dia. As entre-

gas da tarde costumam chegar entre as duas e as quatro. Os camiões de entregas dos *terra indigene* têm outros horários, mas não tens de te preocupar com eles. Naquela gaveta tens uma lista de números de telefone. Se tiveres dúvidas, podes ligar para a Ler e Uivar por Mais ou para o Trincadela. Aqueles sacos de correspondência e aquelas encomendas têm de ser separados para entrega. Fizemos o que pudemos enquanto procurávamos um Intermediário, mas todos nós temos o nosso trabalho e não dispomos de tempo para fazer o teu.

— Mas...

— As portas abrem às nove — concluiu Simon, saindo do espaço.

Meg fitou a porta de acesso à sala das traseiras e deu um salto quando a porta da rua se fechou com estrondo.

Susteve o fôlego até ter a certeza de que estava sozinha. Depois suspirou com um «Lobo Mau» resmungado e esperou ser capaz de perceber como dar início ao dia de trabalho.

Simon tinha vontade de morder alguém, mas o indivíduo encostado à parede junto à porta das traseiras da LUM era Henry, e um Lobo solitário não se metia com um Pardo, especialmente se esse Urso servia de espírito-guia do Pátio e era um dos poucos seres com quem Simon podia falar sem conter pensamentos ou palavras.

— Hoje acordaste com um nó na cauda — comentou Henry tranquilamente. — Se calhar é melhor não afugentares a nova Intermediária antes de ela separar alguma da nossa correspondência.

Simon enfiou a chave na fechadura e girou-a, mas não abriu a porta.

— Ela não cheira a presa. Está repousada, alimentada e não tem frio. Porque é que não cheira a presa?

— Nem todos os humanos cheiram — replicou Henry calmamente. Simon abanou a cabeça.

— Com alguns, decidimos que não são comestíveis por ser assiado tê-los por perto. Mas mesmo assim, eles continuam a cheirar a presa, e *ela não*.

— Nem todos os humanos cheiram — repetiu Henry. — Não há muitos assim, mas já houve alguns casos. — Fez uma pausa. — Pode ser que não lhe estejas a apanhar o odor por causa daquele cabelo malcheiroso?

Simon fitou o Pardo.

— Conseguiu cheirá-lo de onde estavas?

— Não, o vento não estava a soprar na direção certa para que eu o cheirasse, mas ouvi-te a gritar. E todos os que andarem por aí a esta hora da manhã também ouviram.

Simon encostou a testa à porta.

— A falta de cheiro de presa está a deixar-me confuso.

— Bem vejo, mas ela não é *terra indigene*. Disso, eu tenho a certeza.

— Eu também. Ela cheira a humano. Só não cheira a presa.

— Se ela já está a causar tantos problemas antes de a maioria de nós a ter sequer visto, talvez a devesse expulsar do Pátio.

Simon afastou-se da porta e suspirou.

— Vou deixar que o resto da Associação Comercial a veja antes de decidir. Precisamos de um Intermediário. Mais vale deixá-la ficar aqui algum tempo.

Henry aquiesceu.

— Explicaste-lhe o que tem de fazer? — Simon rosnou. Parecia frustrado. — Então afasta-te dela o resto da manhã e deixa que alguém lhe explique.

— Quem?

— Sabes bem quem.

Sim, ele sabia. E também sabia que se se opusesse, Henry iria atirá-lo contra a parede para lhe meter um pouco de juízo na cabeça. Em nome da amizade.

— Está bem. O Coiote que se encarregue dela por umas horas.

Só depois de entrar na livraria e pendurar o sobretudo é que se apercebeu de que ainda trazia os mocassins e tinha os pés molhados. Sentira-se tão incomodado, confuso e desesperado por se afastar de Meg antes que se transformasse e a mordesse para provar que ela era presa que se esquecera de trocar os mocassins pelas botas.

Furioso com todos os seres humanos — especialmente aquela de cabelo fedorento —, dirigiu-se ao gabinete no primeiro andar para tratar de papelada antes de confirmar as remessas que haviam chegado na véspera. A loja só abria dali a uma hora. Se todos tivessem sorte, nessa altura ter-se-ia acalmado e não comeria um cliente.

...

O malfadado sinal de oferta de emprego desaparecera.

Asia fitou a porta de vidro, sem se atrever a aproximar-se, já que a zona de entregas limpa de neve era sinal de que os Outros já andavam na labuta.

Queria aquele maldito emprego. Queria *mesmo* aquele emprego. Havia meses que estava em Lakeside e ainda não vira *nada* no Pátio que não tivesse já sido visto por qualquer pessoa. Os seus patrocinadores estavam a ficar descontentes, começavam a dar a entender que talvez precisassem de alguém mais profissional para aquela missão.

Fora o aspeto físico que a tirara de Podunk e do futuro miserável que a esperava na sua terra natal. Fora o aspeto físico que a levara até Sparkletown e lhe conseguira algumas audições. Mas atuara mais nos sofás de *casting* do que à frente das câmaras — até ter descoberto uma pequena informação acerca da esposa de um manda-chuva de Sparkletown que dera ao indivíduo a alavancagem necessária para se divorciar sem penalizações financeiras.

Sob a capa do aperfeiçoamento de Asia para o papel principal numa série de televisão ainda a ser determinada, ele ajudou-a a refinar as suas competências naturais de recolha de informações e mandou-a descobrir dados acerca de um concorrente.

Asia continuava sem saber se essa primeira missão fora um teste, mas, ao regressar com as informações, fora incumbida de uma segunda, a par de um envelope recheado de dinheiro.

Era como se estivesse a ser paga para investigar um papel de polícia à paisana ou de espia empresarial. Sim, esse seria o papel perfeito para ela: Asia Crane, Investigadora Especial. Por vezes passava algum tempo numa das maiores cidades e dispunha de roupas elegantes e de brinquedos caros. Noutras ocasiões passava semanas numa povoação que nada mais era do que uma variante de Podunk, onde desempenhava o papel de uma jovem viúva a começar uma vida nova, usando conjuntos de malha e sapatos altos, enquanto obtinha informações sobre o alvo selecionado — ou ajudava a arruinar a sua carreira empresarial ou as ambições políticas do indivíduo.

Era um trabalho empolgante, divertido e bem pago, e agora que o Manda-chuva angariara mais algumas partes interessadas para a financiar, Asia recebia missões mais longas com alvos mais desafiantes. A maior parte das atrizes não construíam assim as suas carreiras, mas dali

a um ano ou dois regressaria a Sparkletown com experiência suficiente para conseguir o papel que quisesse.

A infiltração num Pátio fora a maior e mais arriscada missão que recebera até à data. Mudara-se para Lakeside por ser o único Pátio em toda a Thaísia com outros funcionários humanos além do Intermediário. Nem mesmo Toland, na Costa Leste, nem Sparkletown, na Oeste — os centros financeiro e do entretenimento do continente —, tinham Pátios com tal tolerância para com os seres humanos. A sua missão era entrar, observar e relatar tudo o que pudesse ser útil nas relações com os Outros ou, mais concretamente, que ajudasse a quebrar o seu domínio sobre as cidades humanas em Thaísia.

Como dispunha de poucas informações com que trabalhar, apesar de ter amigos com amigos no governo de Lakeside, o Manda-chuva sugerira dois alvos potenciais como sendo o passaporte de Asia para entrar no Pátio: Elliot Wolfgard e Simon Wolfgard. Com Elliot, ela ficaria lado a lado com agentes do governo e alpinistas sociais que poderiam garantir outras informações financeiramente valiosas. No entanto, à última hora, antes da mudança para Lakeside, o Manda-chuva descobrira que, em tempos, Elliot dissera a uma jovem *socialite* que o tentava seduzir que o sexo com macacos pouco diferia do sexo com gado, e nenhuma das situações lhe interessava. Ninguém se lembrava do que ela respondera, mas, dias depois, a *socialite* fora encontrada no quarto, parcialmente comida. Assim sendo, Asia riscou Elliot Wolfgard da lista.

Sobrava então Simon, que parecia ser um trintão — jovem a ponto de gostar de uma aventura ocasional e com idade suficiente para ser improvável que perdesse o controlo. Escolhera então uma personagem e um aspeto que se enquadrasse com as outras universitárias que passavam o seu tempo na loja. Chegara mesmo a inscrever-se em algumas cadeiras na Universidade de Lakeside para preencher o tempo livre. E o que conseguira até então? Nada. Nem trabalho, nem sexo, nem conversas de travesseiro, nem sequer alguns minutos no armazém para um pouco de brincadeira. Ainda nem fora capaz de sacar uma inscrição no ginásio.

Em breve teria de mostrar trabalho feito. Caso isso não acontecesse, corria o risco de ver os patrocinadores a abortarem a missão e a enviarem outra pessoa. E se eles fizessem *isso*, o Manda-chuva não cumpriria a promessa e ela podia acabar de volta a Podunk, em vez de ser a estrela do seu próprio programa.

Um crocitar anunciou a chegada de uma mancheia de Corvos que pousaram no muro à altura dos ombros que percorria o lado esquerdo da zona de entregas. Um deles saltou para a escultura de madeira à frente de uma das janelas da Estação do Intermediário. Esse observou o que se passava no interior do edifício. Os outros quatro miraram-na *a ela*.

Dando meia-volta como se tivesse feito uma breve pausa e não se interessasse por nada relacionado com o Pátio, Asia afastou-se.

Não estava a chegar a lado nenhum com Simon Wolfgard. Talvez tivesse mais sorte com a nova Intermediária.